

# Um 'boom' de fusões e aquisições

Operações que esperam aprovação do Governo já somam mais de R\$ 100 bilhões em 98

Editoria de Arte

Eliane Oliveira

BRASÍLIA

As empresas estão se mexendo como nunca no Brasil. Os atos de concentração (fusões, aquisições, acordos operacionais e transferências de controle acionário) em tramitação nos órgãos brasileiros de defesa da concorrência já somam cerca de R\$ 100 bilhões este ano, valor cerca de 60% maior do que os R\$ 60 bilhões registrados em 1997. A informação é do presidente do Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade), Gesner Oliveira, para quem o volume deverá aumentar ainda mais nos próximos meses, como reflexo da elevação do número de operações nos mercados americano e europeu envolvendo empresas com filiais no Brasil.

O Brasil é um grande mercado e sofre forte influência do que acontece no mundo. As operações fechadas no exterior normalmente causam impacto significativo no mercado brasileiro — disse o presidente do Cade.

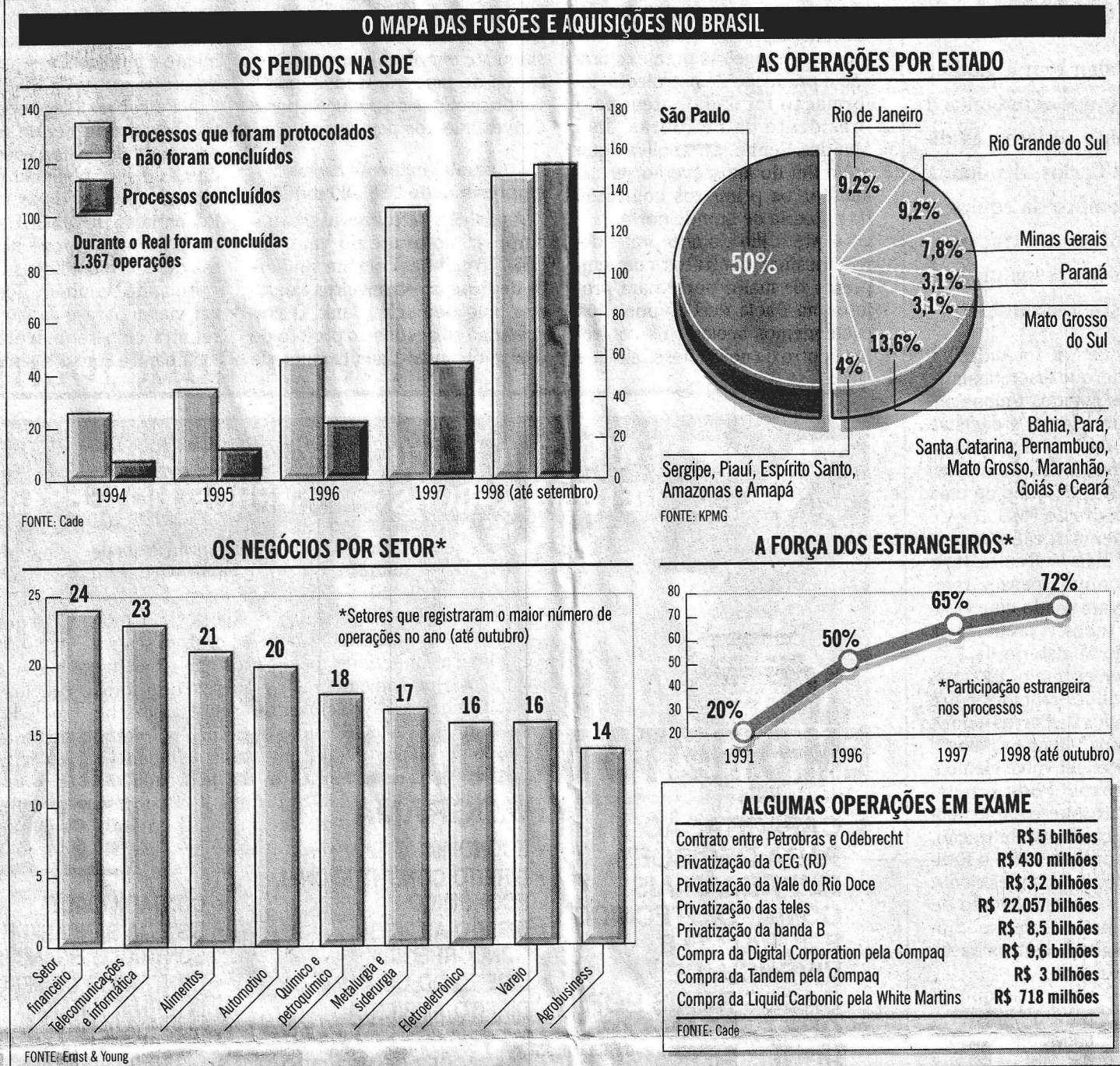
Segundo a diretora do Departamento de Proteção e Defesa Econômica (DPDE) do Ministério da Justiça, Eliane Thompson-Flôres, de janeiro a setembro deste ano 180 casos foram protocolados na Secretaria de Direito Econômico (SDE) e concluídos — ou seja, encaminhados ao Cade para julgamento. Isso representa um aumento de 475% em relação ao mesmo período de 1997. Ela acrescentou que o tempo de análise dos processos no DPDE diminuiu em 60%. A média anterior era de 160 dias e agora está em 60 dias.

Para Oliveira, a onda de fusões que está ocorrendo no Brasil e no mundo, envolvendo setores promissores — como informática, financeiro, eletroeletrônico e químico — é uma das origens da euforia que tomou conta da Bolsa de Nova York antontem, levando o Índice Dow Jones a subir 2,34%.

## Cade analisa venda da Telebrás

Somente este ano, foram julgados pelo Cade cem atos de concentração, sendo os mais conhecidos a venda da divisão de revestimentos de embalagens da Basf para a alemã PPG (US\$ 4,65 milhões), a compra da Cimento Cauê do Brasil pela Camargo Corrêa (R\$ 330 milhões) e o projeto de expansão do Pólo Petroquímico do Sul, que beneficiou a Copesul. Neste momento, o órgão está examinando, com a Anatel, todas as privatizações das empresas do Sistema Telebrás, no valor de R\$ 22,5 bilhões.

Segundo dados de mercado, o maior número de fusões no Brasil ocorre entre as instituições financeiras, empresas de telecomunicações e nos setores de alimentos e bebidas. Do Plano Real até agora foram realizadas 1.367 operações. Na América Latina, a maior parte dos atos de concentração acontece no Bra-



sil, na Argentina e no Chile, e se referem, em sua maioria, a privatizações.

Há casos polêmicos que ainda estão na SDE, como o acordo entre a Petrobras e a OPP Petroquímica, do grupo baiano Odebrecht, para a construção do Pólo Petroquímico de Paulínia (SP). O SDE também está julgando as privatizações da banda B da telefonia celular e da Companhia Vale do Rio Doce. Esta última está sendo examinada por áreas — minério de ferro, ferro-ligas, manganês e siderurgia; transporte ferroviário e marítimo; energia elétrica e serviços de infra-estrutura em geral; bauxita, alumina e alumínio; minerais não ferrosos; e papel e celulose.

Segundo o presidente do Cade, a simplificação no exame das operações e o uso da legislação antitruste para punir as empresas que não submetem as operações aos órgãos de defesa da concorrência são fatores que contribuíram para o aumento dos pedidos em análise.

Pela Lei Antitruste, os atos que resultem no domínio acima de 20% do mercado ou em que uma das partes tenha apresentado faturamento superior a R\$ 400 milhões no ano anterior ao da operação devem ser examinados e julgados pelo Cade. O órgão pode aprovar a operação mediante uma série de compromissos de desempenho das empresas. Um exemplo disso foi a compra da Kolynos pela Colgate-Palmolive. As empresas tiveram que mudar o nome e a embalagem da marca para Sorriso.

## Operações devem crescer 50% em 98

Para o ano que vem, a consultoria Ernst & Young é ainda mais otimista: está prevendo um crescimento de 50% no número de fusões, aquisições e joint-ventures. O aumento recorde virá na esteira do acordo assinado com o Fundo Monetário Internacional (FMI) e leva em conta também a expectativa de retomada gradual da atividade econômica.

— A crise fez crescer o temor de uma desvalorização e, num ambiente como esse, muitos empresários tomaram a decisão de engavetar projetos de compra e venda. Agora, a tendência é que esses projetos sejam retomados — afirmou Marcelo Gomes, gerente sênior da Ernst & Young responsável pela área de fusões e aquisições.

Este ano, segundo o relatório da Ernst & Young, dos negócios já fechados, 24 foram realizados no setor financeiro, 23 no ramo de telecomunicações e 21 na área de alimentos industrializados. Estes três setores, segundo o gerente da Ernst & Young, vão continuar liderando a lista de novas operações. Também é esperada grande atividade no setor de infra-estrutura, sobretudo em portos e saneamento básico.

O levantamento preparado pela consultoria indica também um aumento na participação do capital estrangeiro nas operações de fusão e aquisição de em-

presas realizadas recentemente. Em 1991, essa participação era da ordem de 20% do total. Pulou para 65% em 1997 e, até outubro deste ano, chega a 72%.

## Participação de estrangeiros aumenta

São exemplos recentes dessa tendência a compra do Banco Liberal pelo americano Nations Bank e a associação entre o fundo americano Darby Overseas e a Livraria Siciliano. Gomes explicou que a depreciação do valor de mercado das empresas brasileiras, afetadas pela queda de vendas e pelo aumento de endividamento, é mais um convite para a liderança do capital estrangeiro nos negócios. ■

COLABORARAM Aguinaldo Novo e Ana Paula Baltazar

• PETROBRAS ASSINA CONTRATOS DE PARCERIA PARA EXPLORAÇÃO NA BACIA DE CAMPOS, na página 24